



PROJECT MUSE®

Dicionário de Estudos Narrativos by Carlos Reis (review)

Ana Teresa Peixinho

Luso-Brazilian Review, Volume 56, Number 2, 2019, pp. 131-135 (Review)

Published by University of Wisconsin Press



➔ For additional information about this article

<https://muse.jhu.edu/article/746854>

Review Essay

Reis, Carlos. *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina, 2018. 582 pp.

Em 1987, dois professores da Universidade de Coimbra publicavam aquele que viria a ser, até há bem pouco tempo, o único dicionário em língua portuguesa dedicado ao estudo da narrativa: Carlos Reis, professor de Literatura, e Ana Cristina Lopes, professora de Linguística, escreveram a quatro mãos o *Dicionário de Narratologia*, saído com chancela da Almedina. Nesse mesmo ano, Gerald Prince, professor de Literatura na Universidade da Pensilvânia (EUA) e nome maior da narratologia, publicava também uma obra congénere, *A Dictionary of Narratology*. Poucos anos mais tarde, Didier Coste, captando o impacto simbólico destas obras, num período de consolidação de conceitos, de construção de um léxico da especialidade e de desenvolvimento das virtualidades analíticas da Narratologia, publica na prestigiada *Poetics Today* uma recensão crítica comparada. Nesta recensão Coste apresenta os dois dicionários, destacando a sua importância para a autonomização epistemológica da disciplina, sobretudo numa fase pós-estruturalista, de alguma abertura disciplinar (Coste, 1990).

Mais de trinta anos transcorridos, nove edições e reimpressões depois, eis que Carlos Reis decide visitar aquele que considera ser um “quase arcaico” dicionário, e, num laborioso e profundo trabalho de revisão, publica o *Dicionário de Estudos Narrativos*. Embora geneticamente ligado ao primeiro, ligação que o autor faz questão de não desprezar, este dicionário é uma obra nova, fruto de uma renovação profunda da área e de um rigoroso trabalho de sistematização teórica e de atualização conceptual.

Dos 223 verbetes que o compõem, 113, ou seja, mais de metade, são totalmente novos; dos restantes 110 pelo menos 15 foram rearrumados, sofrendo desdobramentos conceptuais e uma revisão profunda; 37 entradas do antigo *Dicionário de narratologia* foram suprimidas. Estas escolhas, que explicaremos adiante, são desde logo anunciadas no prefácio escrito pelo autor e justificadas pela evolução significativa que a Narratologia, enquanto disciplina, sofreu sobretudo a partir da última década do século passado.

O estudo da narrativa conheceu, nas duas últimas décadas do século XX, um “revivalismo notável,” e, sobretudo desde o início do novo milénio, a Narratologia tem sofrido transformações, alargamentos e contaminações que exigem hoje

uma revisão quer da singularidade do conceito, quer da sua matriz estruturalista e literária. Em 1999, escrevia David Herman a respeito do alargamento deste campo de estudos: “No longer designating just a subfield of structuralist literary theory, narratology can now be used to refer any principal approach to the study of narrative organized discourse, literary, historiographical, conversational, filmic, or other” (Herman 27).

Este expansionismo, coincidindo com o chamado “narrative turn,” tal como o descreveu Martin Kreiswirth em 1995, influenciou as Ciências Sociais, as Humanidades e até áreas como a Medicina ou a Psicologia. A bibliografia existente sobre o movimento expansionista da Narratologia, que consente que hoje se adote o termo plural de ‘Narratologias,’ cunhado por David Herman, é muito rica e diversos são os autores que problematizam as relações entre a Narratologia e outras áreas disciplinares. Esta pluralização está patente quer em variantes metodológicas—narratologia natural (Fludernik, 1996), narratologia crítica (Fehn, 1992), narratologia cognitiva (Herman, 2005; 2013)—, quer em injunções epistemológicas—narratologia feminista ou narratologia pós-colonial, socrinatologia ou narratologia mediática. Disso mesmo nos dá conta o circunstanciado verbete que Carlos Reis escreve—Estudos Narrativos—no qual se posiciona claramente em relação a este “novo” campo de estudos, defendendo a sua autonomia para com a Narratologia clássica de matriz estruturalista:

Os estudos narrativos são por vezes identificados com a chamada narratologia pós-clássica e como tal designados. Entende-se, contudo, que aquela designação omite dois atributos fundamentais dos estudos narrativos: em primeiro lugar, a noção de pluralidade, que aqui se afigura crucial; em segundo lugar, a sua condição autónoma e abrangente, no sentido em que os estudos narrativos não são uma simples deriva pós-narratológica, mas sim uma disciplina com propósitos e com horizontes próprios. (121)

De facto, os Estudos Narrativos constituem, hoje, um campo de investigação muito rico e variado, que foi sendo apropriado por diversas disciplinas e que alargou o seu âmbito, em função de novos objetos de estudo e novos contextos de mediação. A apropriação da narrativa por diversas áreas e subáreas das Ciências Sociais e das Humanidades tem-se revelado, ao longo das três últimas décadas, muito útil e promissora, assentando fundamentalmente em três propriedades da narrativa: a sua temporalidade, o seu sentido e a sua dimensão social (Elliott 1–16). Uma leitura deste Dicionário permite perceber que os mais de cem novos verbetes que o compõem resultam precisamente deste movimento de alargamento e pluralização: por um lado o alargamento do campo de estudos—traduzido nas onze narratologias aqui elencadas (cognitiva, feminista, musical, não natural, transmídia, etc.)—por outro, a diversidade de narrativas e de suportes expressivos—que obrigou o autor a integrar verbetes sobre narrativa televisiva, narrativa digital, seriado, documídia, ficção hipertextual, jogo, hiperficção, *soap opera*, etc.

A consulta do índice de entradas, publicado no final da obra, é suficiente para se perceber que, hoje, os Estudos Narrativos são uma área autónoma, mas

de matriz interdisciplinar, que se dedica ao estudo de uma multiplicidade de objetos independentemente das linguagens de que se alimentam ou dos *media* que os veiculam. Embora o expansionismo e a pluralização da área sejam vistos com alguma desconfiança por alguns estudiosos, é indiscutível que constituem também importantes etapas de renovação disciplinar, possuindo inúmeras virtualidades, patentes nos diversos novos verbetes incorporados neste *Dicionário de Estudos Narrativos*. Um desses críticos é Tom Kindt que, em 2009, alerta para alguns riscos da pulverização da Narratologia e desconstrói o argumentário dos novos narratologistas, defendendo que a Narratologia deve permanecer o que é: essencialmente uma ferramenta de análise e não uma teoria da interpretação (Kindt, 2009). Embora assumindo uma posição mais matizada, também Werner Wolf pondera algumas desvantagens deste alargamento—o desprezo pelos limites da especialização e a fragmentação das áreas disciplinares—apelando à contenção para que a Narratologia promova uma autorreflexão sobre o referido alargamento (Wolf, 2011). Estas tensões, decorrentes das profundas transformações da área de estudos, são bem explicitadas em alguns dos circunstanciados verbetes desta obra, nomeadamente o de Estudos Narrativos, o de Estudos Narrativos Mediáticos e o de Narratologia.

Além da afirmação epistemológica desta nova área que são os Estudos Narrativos, o Dicionário agora lançado por Carlos Reis contempla uma renovação conceptual importante, que exigiu que prescindisse de alguns verbetes que integravam o antigo *Dicionário e Narratologia*. De facto, o conjunto de 37 entradas preteridas diz fundamentalmente respeito a conceitos da análise do discurso—como registos do discurso, discurso pessoal, discurso modalizante, discurso conotativo, lexia, agente e paciente—da linguística textual—como micro, macro e superestrutura—ou a conceitos da análise estrutural—como sintaxe narrativa, estruturas semionarrativas ou actante. O vasto conjunto de 113 novos verbetes contempla conceitos que cobrem essencialmente, além da i) diversidade de suportes expressivos das narrativas da contemporaneidade e ii) do alargamento do campo de estudos—como acima explicitado, iii) a renovação de algumas categorias e iv) a transmodalidade da narrativa.

Na senda do que tem sido feito em obras internacionais de referência (por exemplo, a *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*, ou o *The Living Handbook of Narratology*), a par dos tradicionais conceitos da Narratologia Clássica, o *Dicionário de Estudos Narrativos* de Carlos Reis cobre fenómenos como o multimédia, o digital, a transmedialidade, a hipertextualidade, entre outros. Assim, além da entrada “narratividade,” que sofreu revisões e atualizações, cria-se a entrada “narrativização,” conceito cunhado no fim da década de 90 por M. Fludernik, para dar conta da dimensão cognitiva do processo de comunicação narrativa (332, 333); o verbete “personagem,” que migra do antigo dicionário da década de 80, é sujeito a revisão profunda e dá origem a um conjunto de novos conceitos como os de “figura,” “figuração,” “refiguração” ou “sobrevida;” o conceito de narrador também é reequacionado, “no contexto de abertura dos estudos narrativos a disciplinas, a atitudes epistemológicas, a práticas narrativas e a contextos

comunicacionais” (290), que ultrapassam as fronteiras da literatura (área tutelar da antiga narratologia estruturalista) e dão conta de narrativas em meio eletrônico ou em contexto jornalístico.

Apesar desta abertura e da diversidade de *media* pelos quais a narrativa hoje circula, o autor privilegia, nos exemplos que vai aduzindo, o texto narrativo literário, de que os 66 títulos da bibliografia são um bom indicador: os grandes nomes da literatura universal, em particular do cânone nacional, oferecem ao autor matéria suficientemente rica para ilustrar conceitos e ferramentas narrativas. Especialista e professor de literatura, não se estranha que assim seja. Porém, no prefácio, Carlos Reis faz questão de explicitar e fundamentar esta opção em questões de natureza diversa:

Não se deve estranhar que os exemplos e as referências a narrativas que aqui se encontram venham predominantemente do campo literário. Sem contrariar o que fica dito, essa insistente presença (...) traduz o que para mim e para muitos é inquestionável: provém da literatura os mais complexos e densos textos narrativos a que a condição humana deu origem (...) os textos literários acumulam um capital de experiências, de vivências e de formulações narrativas de que não podemos abdicar, sob pena de desistirmos de ser humanos. (13)

Se, hoje, a narrativa literária convive com e disputa o espaço mediático com outras narrativas—da publicidade ao jornalismo, do cinema aos jogos de computador, passando pela comunicação de ciência ou pela comunicação política—também não deixa de ser verdade que, na já remota década de 60 do século XX, foram os fundadores da narratologia quem teve o mérito de chamar a atenção para o facto de a narrativa não ser domínio de análise exclusivo da literatura. Refira-se o valor dos contributos de Barthes, Eco ou Jules Gritti no célebre número 8 da revista *Communications*, onde se publicaram alguns ensaios sobre narrativas não literárias, mas poderosas e amplamente disseminadas no espaço público. Contudo, Gérard Genette, responsável pela criação da *lingua franca* da Narratologia (Meister, 2014), que lança, em 1972, *Figures III*, contribuindo decisivamente para o estudo sistemático das estruturas e técnicas narrativas e para a estabilização conceptual e metodológica da área, recorre à grande narrativa de Proust *À la recherche du temps perdu*. Ou seja, o seu esforço de sistematização de temas, conceitos e questões narratológicas que, em parte, perduraram até hoje, muito para além dos limites temporais da Narratologia Clássica—as relações entre história, narrativa e discurso; a dimensão temporal da narrativa e o modo como organiza o tempo; a focalização; o estatuto do narrador, etc.—é conseguido pela imersão numa obra cuja densidade e intemporalidade a tornam exemplar e paradigmática.

Num notável trabalho de sistematização, o que Carlos Reis nos oferece no *Dicionário de Estudos Narrativos* é um estado da arte rigoroso e circunstanciado de um conjunto de teorias, categorias e conceitos relativos ao estudo da narrativa, que permite ao leitor compreender as derivas da área e as injunções disciplinares

que ela hoje convoca. Acresce à síntese, o apreciável esforço de atualização para o qual não é despendendo o número de títulos que compõem a bibliografia teórica e crítica: 684 títulos que, não preterindo os clássicos, abrangem o que de mais recente se tem publicado no mundo sobre narrativa.

Finalmente, refira-se que este dicionário muito deve a dois projetos a que o seu autor se tem dedicado nos últimos anos—e que, aliás, são assinalados no prefácio: o projeto de investigação *Figuras da Ficção*, que coordena no CLP (Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), e que é exemplo de uma investigação sistemática e aprofundada sobre personagem—mas não se restringindo a ela—e que congrega, de modo integrado, saberes provenientes quer dos Estudos Literários, quer dos Estudos sobre *Media*; e o projeto de construção e lecionação do seminário Estudos Narrativos Mediáticos no terceiro ciclo de Ciências da Comunicação da Universidade de Coimbra.

Se, na longínqua década de 80, o processo de dicionarização constituiu um importante momento de abertura e conseqüente afirmação da Narratologia, hoje, no final da segunda década do século XXI, pode dizer-se que o *Dicionário de Estudos Narrativos* cumprirá certamente o mesmo papel determinante. Espera-se que o facto de ser escrito em língua portuguesa não o impeça de se cumprir fora de fronteiras, integrando o amplo movimento de estudos sobre narrativa, muito produtivo em diversas universidades do mundo, nomeadamente no mundo anglo-saxónico e germânico.

Referências Bibliográficas

- Coste, D. (1990). "A Tale of Two Dictionaries." *Poetics Today*, vol. 11, number 2, Summer, 405–410.
- Herman, D. (1999). *Narratologies: News Perspectives on Narrative Analysis*. Ohio: Ohio State University Press.
- Kindt, T. (2009). "Narratological Expansionism and Its Discontents." In S. Heinen and R. Sommer, eds. *Narratology in the age of the Cross-Disciplinary Narrative Research*. Berlin/New York: Walter de Gruyter. pp. 35–47.
- Meister, J. C. (2014). "Narratology." In P. Hühn et al., eds. *The Living Handbook of Narratology*. Hamburg: Hamburg University. <http://www.lhn.uni-hamburg.de/article/narratology> (consultado a 13 de julho 2019).
- Wolf, W. (2011). "Narratology and Media(lity): The transmedial expansion of a literary discipline and possible consequences." In G. Olson, ed. *Current Trends in Narratology*. Berlin/New York: Walter de Gruyter. pp. 145–181.

Ana Teresa Peixinho
peixinho71@gmail.com
Universidade de Coimbra